

Os três beijos (o terceiro é para casar) são rotina no Rio Grande do Sul, mas em outros lugares causam espécie

Como beijar (e outros problemas)

Sou um incondicional fã das cartas dos leitores, daquelas que recebo e de todas as outras enviadas às várias seções de ZH. Há inteligência nesses textos, há humor e, sim, há talento também: a quantidade de escritores em potencial aqui no Estado é espantosa. Muita coisa sobre nosso cotidiano aflora ali, não raro de maneira bem-humorada. Esses dias o

leitor Jairo Saavedra mandou correspondência à Página 10, do Barrionuevo, pedindo uma regulamentação do beijo facial. Jairo não sabe se é para dar dois ou três beijos: “Às vezes, em meio à indecisão, me atrapalho e chego a beijar a boca da pessoa, o que é muito constrangedor, principalmente quando é uma velhinha”. O Jairo não diz se também é constrangedor para a velhinha, mas é certo que o problema não é só dele. Os três beijos rotineiros (“o terceiro é para casar”) são rotina no Rio Grande do Sul, mas em outros Estados causam certa espécie. E quando se sai do país pode ser pior ainda. Na Indonésia, casais de namorados não devem se beijar ou trocar carícias em público; já os russos se beijam, sim, inclusive os de sexo masculino.

Na Europa e nos Estados Unidos, o contato físico não é muito apreciado; os americanos desconfiam até mesmo daquilo que chamam de “contato ocular”, o olhar curioso que muitas vezes lançamos, por exemplo, para o motorista (ou a motorista) no carro ao lado, e que lá é considerado uma espécie de belicoso desafio, punível até com mísseis.



Nós, latino-americanos, não estranhamos a aproximação física, o abraço, o entusiástico aperto de mão. Mas, mesmo para nós, costumes de

outros povos podem parecer esquisitos. Há uns anos participei, na Carolina do Norte, de uma reunião internacional de médicos. Saí de uma delas conversando com um médico de Bangladesh. Enquanto caminhávamos pela rua, e para minha surpresa, o doutor pegou-me a mão. Embaraçado, eu já ia dizer que àquela altura de minha vida era tarde para mudar a opção sexual, quando me dei conta de que aquilo deveria ser um costume do país dele. Mas, por via das dúvidas, despedi-me na primeira esquina.



E os gestos? Quando os americanos querem dizer que algo está OK, fazem um círculo com o polegar e o indicador, o que para nós é um gesto obscuro (na Alemanha, é um insulto, tipo “idiota” e, na Tunísia, é ameaça de morte). OK, aliás, a abreviatura americana mais bem-sucedida, tem origem misteriosa. Pode aludir a uma saudação de despedida usada em meados do século 19: O.K.K., One Kind Kiss. Podem ser as iniciais de Old Kinderhook, a cidade de Martin Van Buren, popular líder do Partido Democrático. Pode ser a versão americanizada de Okeh, expressão usada pelos índios Choctaw.

Na Turquia e na Grécia, fazer uma figa com a mão é um gesto de cunho sexual. Na Bulgária abanar a cabeça como nós fazemos para significar “sim”, quer dizer “não”, e vice-versa. O clássico sinal de pedir carona é interpretado como convite à sacanagem na Sardenha.

Em muitos países árabes, é falta de educação

exibir a sola do sapato ao cruzar as pernas; afinal, esta sola pisou o solo, e não é por outra razão que os muçulmanos deixam os sapatos de fora ao entrar na mesquita (os japoneses fazem o mesmo quando chegam em casa). Na França, é grosseiro falar com as pessoas com as mãos no bolso; na Alemanha igualmente é falta de tato estender a mão para uma pessoa enquanto a outra está no bolso.



O corpo fala, e todas estas coisas fazem parte de uma linguagem corporal cuja origem já foi de há muito esquecida – e que varia de lugar para lugar, da mesma forma como variam os idiomas. Além disto, novos costumes surgem constantemente. Homem beijando a mulher de outro homem, mesmo no rosto, podia, há não muito tempo, dar briga feroz. A verdade é que estamos nos civilizando, ou, pelo menos, nos tornando mais afetivos. Toda aproximação entre seres humanos, num clima de respeito mútuo, é mais do que desejável. No caso dos beijos, a experiência parece demonstrar que é melhor errar para mais do que para menos (inclusive em se tratando de velhinhas, Jairo). Mesmo porque é possível que daqui a uns tempos, três beijos sejam considerados insuficientes.



CIRURGIA PLÁSTICA
Avançada tecnologia de rejuvenescimento facial e plástica nasal sem cirurgia.
BIOPLASTIA ■ FIO RUSSO
Dr. FLAVIO BORGES FORTES
20 anos de experiência e credibilidade
Rua 24 de Outubro, 1681 sala 707 - POA/RS
Fone: (51) 3333-5875

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. André Hilário
cremers 18.688
Dr. Aury Hilário
cremers 3.678
CLÍNICA CARLOS GOMES DE CIRURGIA PLÁSTICA
Av Carlos Gomes 403 / 401 POA (51) 3328.1291 3328.7597
www.clinicacarlosgomes.com.br

COM 23 ANOS DE EXPERIÊNCIA LAUSANNE OFERECE A VOCÊ:
Super Promoção Mecanoterapia
Trat. rápido e eficiente p/emagrecimento com Jato de ar quente que elimina os nódulos e as gorduras localizadas, moldando o corpo. Complementado por dois aparelhos para Celulite e Flacidez. **R\$95,**

Ozonioterapia
Apar. aquecido p/perda de peso até 2k p/aplic. Elimina Toxinas e Celulite. Indicado p/dores de coluna, artrite, reumatismo e dores em geral. Sessões 20min. Pesadas antes e após. **R\$30,**

LAUSANNE
R. Br. Stº Angelo, 339
F: 3222.1656

Arquivo de Jornais Zero Hora
NOVO ENDEREÇO:
Rua Plácido de Castro nº 112
Azenha
Atendimento ao público: terças, quartas e sextas, das 8h30min às 18h
JORNAIS ANTIGOS PARA VENDA
(*) EXEMPLARES DA 2ª EDIÇÃO - CIRCULAÇÃO GRANDE POA